

115-4-35-



Fernando Pessoa

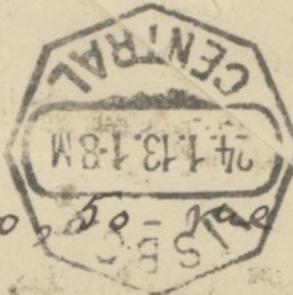
24, rua de Passos Manuel, 24.  
Janدار, esq.



Portugal.

Lisbonne

R. 21 11/1913



Service de l'Union de la - Carnavalet  
des Ecoles, Paris

115<sup>4</sup>-36

Paris, le 21 Janvier

1913



Meu querido amigo,

Vai sendo relativamente longo o seu silêncio - apenas relativamente, publinho.

E como a minha disposição de espírito apeteceu neste instante alguns minutos de palavrinha com um amigo desfalcamento querido - pela amizade e pelas coincidências, lembrei-me de lhe escrever esta carta banal, desentressante e rápida.

Vou rirando como sempre, olhando muito para mim, cochilando a alegria para logo, scepticamente, ouvir os outros e prosseguir sonhando... A otava dohadura... simbolo mequinho, mas ai, bem real da existencia. Pelo menos da minha existencia. Do havia on cataram? não sei. E tudo isto é tão triste, tão triste...

O Fauno - ignoro se já lho disse - escreveu-me do Rio e vai visitar a Lisboa por feriado.

Sabe que o Santa-Rita descobriu um Fernando Pessoa aqui? E sei concordar com a descoberta. Linda autem se ascender junto do us num café do bairro latino. Aliás não o conhecemos. Porque este Fernando Pessoa se resume num rapaz que é por demais, a roçá. Faz-meus embates muito. Não tanto nos

trazos fisionómicos detalhados como vocáis, ua expressão,  
em certo gosto-tique de atitude inóspita, torto encostados  
os braços, muito caracacterísticos em você. Compreende? E  
assim eu entendo vê-lo. Porque fluidos simpáticos e paroxíticos  
flutuam envolvendo-o - porque a sua pressão me fazia  
recordar, seu fio, um amigo querido. E estas erupções,  
murchas, são muito dores, crece, ue sente.

Que se passa renascentimento por ai?

A grande arte quebraria as azas mágicas de mistério,  
bebida de luz? Desenrolpe o palavrão, que esse, ue verade  
é que é de um bebado. Mas bem sabe que abomina o álcool.  
E talvez da chuta - excesso de agua. Porque chore muito kijo.  
Um horror.

A grande arte seu querer, de certo perceber, é A AGITA,  
que segundo fuija esta facilidade - bz porquês!?

E essa gente? Laerdal, Berlitz, Santos-Ribeiro, Pocoas,  
Fernos?... (heterogeneia mortuaria!) Castanheira & Cia caricaturais?  
Bija coisas.

Abomina o álcool. Não fuma. Não foge. Não ue  
involucra de morfina ou cocaína. O aliento sobe-me  
mal. Tanto todos os dias a horas diferentes em restaurantes  
diversos. Como pratos variados. tra ue deito as 3 da manhã,  
ora as 9 da noite. Poucas capaz de ter horas para encher  
alguma, de bu baixos. E é por isto que não fuma, que  
não foge etc. Os ricos são baixos, apenas não maus-baixos,

1154-37

Paris, le

191

(2)



Eu sou tão viciado aos hábitos que estou corrigindo de aço fantástico para os náufragos. Nunca poderei ser um rícoro da mesma forma que nunca verei um homem negroado...

Mas francamente, ao escrever esta carta, pareço abismado num Atlântico de carências!...

Na minha psicologia devem ser enumeradas as razões interessantes que me detêm de vir em quanto, muito por alto, em favor dos seus estudos. Olhe, por exemplo: a impossibilidade de renunciá-lo. Proste:

Eu devo correr a uma provável desilusão. É uma ambição, receba uma alma mais ciosa rancorizada - prova real dessa desilusão. Era o momento de pecar. Ele é meu reino. Sei fát, positivamente sei, que só he viuas no tempo do bêco, e continuei a correr para ele até que os braços se me partem de dentro, os meus ossos só he co seu saída. E você não imagina, meu querido Fernando, onde me tem conduzido esta maneira de ser!... Ha na minha vida um bem lamentável episódio que só se explica assim. Aquelas que o conhecem, no momento que o viram, charavam. Ele louco<sup>ra</sup> e deserto inexplicável. Mas não era, não era. E que eu ~~pro~~ se consegui a lober um corpo de fel, hei de fergasamente lhe lhe-lo até ao fim. Porque - bixa estranha! - sofro meus orgulhos. o até à ultima gata, o que

lançando - o apenas ~~essa~~ ~~essa~~ encostado. Eu sou daqueles que  
vão até ao fim. Esta impossibilidade de renúncia, em acto - a  
bela artística mente, hei-de sempre tratar. É num dos meus contos,  
mas na vida é uma triste coisa. O acto da minha existência  
intima, um dolor quasi tragico, são resultantes directos  
desse triste fardo. E coisas que <sup>parecem</sup> imperfeitas, explicam-se  
assim. Mas sempre as compreendo. São tão raras...

\$ Se fui levado a estas divagações é que recentemente  
numa circunstância analoga me encontro. Lanrei-me  
na carreira a uma ilusão dourada - pola ilusão! - Ela  
pode entanto ser uma realidade. Elas antes de ontem  
lá recebi, mais uma vez, a vergastada n'alma.  
E continuei a correr...

Depois sinto-me tão pequeno, tão fraco, tão  
pouca coisa...

E sempre um saudoso na espinha, arriscante,  
esternalisante...

E é nestes momentos ainda assim que - o miséria! -  
encontro um pouco de cor de rosa na vida...

Literatura... literatura...

Não! Eu não tenho capacidade de ver assim!

O velho produtor, me chamava uma vintena de vezes  
neste outono com amigo querido - hoje nem enfece.

E tinha razão...

Quanto a mim, em todos os alvures ha coisas secretas  
cujo segredo é guardado ate à morte selas. E são guardadas,

115<sup>4</sup>-38

Paris, le

191

(3)



mesmo nos momentos mais sinceros, quando  
nos abrimos, aos esforços, todos abertos, uma canção  
de alegria, em face dos amores mais queridos - porque  
estas palavras que os poderiam traduzir seriam ridículas,  
mequinhos, incompreensíveis ao mais prosápico. Estas  
coisas são materialmente impossíveis de serem ditas.  
A própria natureza as encerra - não permitindo que  
a garganta humana pudesse escupir sons para as expressões  
míos - apenas sons para as caricaturas. E assim essas  
ideias - estranha são as coisas que mais estimamos, faltam-nos  
sempre a coragem de as caricaturar. Daqui o mal-estar  
que todos nós, os homens, somos. Duas almas que compõem  
intimamente, que se enhegão, que saibam mutuamente  
tudo quanto velas vive - não exento. Nem padronagem  
existir. No dia em que se compreenderem totalmente  
- o ideal dos amores! - eu tenho a certeza que  
se fundiriam num só. E os corpos morreriam.

Literatura!... Só a ideia de maior é um conto...

E' curiosa esta função do cerebro-escritor. De talvez quantos  
em si desabre e pensa faz novelas ou poesias. Mais feliz que  
os outros quem quem as horas de meditações sobre si  
mesmos são horas produtivas. Pare assim, elas são ganhas. Menos  
velhas só. O prejuízo é 'nobre. E intrépido vil. Se o artista

é mais cativante do que o fizer. Todo - economia, pensa  
muitos, viver, alergias - se che ~~tem~~ transforma em =  
materia de arte!... Panha sempre!

Tuiter crise!

Grande crise!...

Que orgulho! que orgulho!...

Perdeu-me este caos, perdeu-me os anejos e  
grava - me desperda, m'a desperda, vim? Fale  
o que cheijo, faga referências a esta beleza.  
Um grande abraço.

O seu muito, muito amado

Sai-Carneiro

50, rue des Etoiles

Grand Hotel du Globe.

Próxera!...  
Procêdu o Mercúrio?